

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:
ALGUMAS REFLEXÕES**

Ernani da Silva Vargas (UEMS)

ernanisvargas@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Maria Leda Pinto (UEMS)

marialedapinto25@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda aspectos da variação linguística e ensino de língua portuguesa por meio de um estudo teórico, como forma de expressão do discurso, formalizando as relações sociais, em que se verifica o contexto sociocultural em que está inserido o indivíduo. São analisados os aspectos que levam à variação linguística das comunidades de fala, assim como fatores que influenciam na escolha no momento da fala. A escola também citada como agente fundamental no ensino-aprendizagem da Sociolinguística. O estudo apresenta a transformação da oralidade devido à necessidade de comunicação existente entre os seres humanos, pretendendo sempre se expressar de forma satisfatória, mas sempre buscando elementos que contribuam para a formulação da sua interação.

Palavras-chave: Variação linguística. Sociolinguística. Oralidade.

1. Introdução

Quando o ser humano vem ao mundo, já nasce inserido em um contexto social para se adaptar. A língua de contato determinará a língua que deverá fazer uso, mas, além disso, o modo como fará uso dessa língua também deverá estar de acordo com o meio de convivência. A sua interação dependerá da sua apropriação da língua e sua devida utilização entre aqueles com quem mantém a conversação, de modo a se preparar para lidar com as situações comunicacionais. Ao desenvolver essa habilidade, surge a adequação linguística, que irá variar entre as comunidades de fala.

As variações linguísticas surgem para atender às demandas sociais, compreendendo que o ser humano tem a comunicação até mesmo como um meio de sobrevivência, pois ao fazer bom uso desse mecanismo empreende aproximações entre os falantes, atingindo todas as áreas: social, política, profissional, entre outras. O sistema linguístico presente entre falantes dentro de uma mesma comunidade demonstram muito além do que simples palavras ou expressões conversacionais, mas traz à

luz a história, a cultura, as influências, entre tantas outras coisas. Estudar o uso social da língua envolve conhecer também origens e verificar a presença de várias realidades dentro da fala apresentada.

Por mais que ainda exista a presença de preconceito (BAGNO, 2008) com relação a algumas variedades e outras com maior prestígio, a Sociolinguística tem por objetivo estudar o comportamento linguístico dentro de uma comunidade de fala verificando os traços presentes ali, tudo isso sem opinar a respeito da variação linguística. Como a variação dentro do Brasil é muito extensa, são muitos os estudos sobre tantas comunidades existentes em nosso país. A escola deve sempre estudar a respeito do assunto, verificando por meio da fonologia a realidade dos discursos presentes em todo o território nacional. Por isso, há tanta necessidade de se estudar sobre o assunto, mostrando a riqueza da nossa língua, seja ela qual for.

2. Variação linguística: conceituação

Quando tratamos sobre a língua, temos um assunto complexo, que nunca permanece estático, mas sempre se transforma através dos tempos, para atender às necessidades comunicacionais. Como agente social, a língua está presente nas interações humanas de forma geral, e como todo indivíduo faz uso da mesma, ele se apropria dos códigos conforme a necessidade que possui, adaptando para sua demanda em que está inserido.

Para iniciar, precisamos compreender a definição da língua dentro do contexto social. Como atividade social, a língua refere-se a:

um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas. (CASTILHO, 2000, p. 12)

A variação linguística ocorre no momento que determinado grupo social se apropria de determinada língua, determinando marcas comuns entre os falantes, possibilitando o reconhecimento de um processo coletivo presente na fala dos atuantes.

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso. (LA-

Na escola, lugar propício para o debate sobre as variações linguísticas, os professores devem sempre apresentar as muitas formas presentes na língua materna do público com quem eles lidam, verificando peculiaridades apresentadas em determinada oralidade pública. É bem verdade que há variações de prestígio e outras, nada prestigiosas, demonstrando o preconceito linguístico ainda presente em determinadas comunidades de fala. É bem possível que o educador possa valorizar determinada variação, enquanto outras sejam desprezadas, mas a orientação é que sempre se apresente os processos linguísticos com isenção e proporcionando aos alunos o conhecimento do maior número possível de variações presentes na língua materna da escola onde ocorre o ensino.

os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais.[...] (o professor) se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

Nosso país, pelas suas dimensões continentais e influências linguísticas de muitos povos, como portugueses, indígenas, africanos, ingleses, italianos, entre outros, apresenta diferenças diversas, mesmo que a língua portuguesa seja falada em toda a extensão territorial do país. O contato com outras línguas dos países fronteiriços, com outras nações do mesmo continente e também vindo de outros povos pelo mundo afora transforma a nossa língua em um fenômeno único, miscigenada, com traços culturais que demonstram os resquícios culturais vindos desse aceso.

[...] Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998a, p. 29)

Em todas as línguas, entre elas a inglesa e a espanhola, ocorrem variações significativas na fala, e na língua portuguesa não seria diferente. Vemos em todo o país o fenômeno surgir se apresentando de formas variadas, e, com isso, constituindo-se num todo. Nas variações existem traços que demonstram a realidade sociocultural presente nos usuários daquela língua. Isso sempre aconteceu, pois a linguagem evolui, tornan-

do a comunicação cada vez mais dinâmica, exigindo formas diversas para a expressão do idioma.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “língua portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)

Um dos desafios atuais da escola é mostrar ao aluno a diferença entre a fala e a escrita, demonstrando que o primeiro é passível de apresentar quadros alternados em regiões diversas, mas que a escrita dentro da norma padrão respeita determinadas regras em sua formação. E nessa realidade da oralidade da língua portuguesa, o educando deverá verificar a vasta quantidade de riquezas sociais presentes no fenômeno da variação linguística. Desse modo, há a expectativa de que o aluno “seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os 2114 valores sociais nelas implicados”. (BRASIL, 1998, p. 52)

As variações linguísticas são definidas de acordo com a transformação social do uso da língua dentro dos falantes de determinada comunidade. O comportamento é analisado, verificando similaridades ocorrentes de maneira usual entre os usuários do código, com distinção em relação a outros grupos. Fernando Tarallo (2001, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. O ser humano busca formas de se expressar, as quais nem sempre coincidem se serem as mesmas, e, nesse instante, surgem variações para suprir necessidades comunicativas.

Conforme já foi mencionado, constata-se que o preconceito linguístico é um problema em meio às variações. Há variações linguísticas com maior reconhecimento social, dizendo-se que possuem mais prestígio, enquanto existem outras com menor reconhecimento social, avaliadas como sendo de menor prestígio. É claro que muitos falantes preferem falar da forma não-padrão para serem melhor aceitos em determinado grupo social, mas também há muitos outros que dizem de outra forma, chamada de mais elaborada, por pensar que aquele círculo de pessoas os receberão com maior aceitação. A sociedade verifica em algumas varia-

ções a presença de um nível cultural maior, ao mesmo tempo em que outras variações são vistas como inferiores, demonstrando um baixo nível cultural, segundo alguns falantes de determinada língua.

O preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BRASIL, 1998, p. 82)

Dentro das variedades, há critérios que as definem conforme a sua apresentação nos contextos sociais. As mutações são enquadradas após estudos específicos e aprofundados dentro daquela comunidade. Ao se comparar com o todo ao qual estão inseridas, determina-se em que tipo está inserida. Luiz Carlos Travaglia divide as variedades linguísticas em dois tipos:

Basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos e os registros (estes também chamados de estilos, por muitos estudiosos). Os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os registros são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz a língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação. (TRAVAGLIA, 2000, p. 42)

O uso da linguagem envolve princípios que norteiam a comunicação entre os falantes da comunidade, as quais são estudadas dentro de sua sequência e inserção dentro de um critério fundamentado. Para Michael Alexander K. Halliday, Angus McIntosh e Peter Strevens (1974), as variações de registro são classificadas como sendo de três tipos diferentes: de grau de formalismo, entendida como um maior cuidado e apuro (no sentido normativo e estético) no uso dos recursos da língua; de modo, que se refere à oposição entre a língua falada e a língua escrita; e de sintonia, que envolve características próprias que marcam um estilo próprio:

De tal modo que alguns autores acham que a dificuldade que os alunos têm para escrever não advém do desconhecimento da norma culta ou padrão, mas antes do desconhecimento dessas características próprias do escrito. A língua escrita e a falada apresentam uma série de diferenças devidas ao meio (visual ou auditivo) em que são produzidas. (TRAVAGLIA, 2000, p. 52)

Os traços linguísticos resultam em estudos que procuram verificar a constância da prática de linguagem dentro daquele contexto em que a comunidade está inserida. Essas particularidades que distinguem um grupo de falantes de outros determinam as variações linguísticas existentes

dentro de uma mesma língua. A prática usual demonstra aspectos presentes no uso da comunicação oral, demonstrando a heterogeneidade da variável. "O contexto social do enunciado específico, a posição social do locutor, sua origem geográfica e sua idade. Cada um destes aspectos proporciona um conjunto útil de generalidades". (FREGONEZI, 1975, p. 16)

Hoje, em nossa sociedade, ainda existe a ideia de que certos usos da linguagem oral demonstram um maior domínio dos códigos linguísticos adequados. No discurso apresentado, analisa-se o chamado "uso correto" da organização linguística, fazendo a pronúncia devida das palavras, formulando sentenças com precisão e tendo uma fala com gramática certa. O usuário de fala será ainda mais respeitado quando é alguém capaz de adaptar seu discurso ao contexto em que está inserido naquele momento.

A capacidade de utilizar corretamente a língua em uma variedade de situações socialmente determinadas é parte integrante e central da competência linguística tanto quanto a capacidade de produzir orações gramaticalmente bem formadas. (FREGONEZI, 1975, p. 5)

Muitos são os estudiosos que tentam compreender de onde surgem determinados preconceitos linguísticos e a razão de que algumas variações são mais prestigiadas que outras, como Marcos Bagno (2007) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2006), entre outros. Para a sociolinguística, não certo ou errado na comunicação oral, apenas verifica aquela variação como objeto de estudo dentro da língua. Ainda há muito para se percorrer, mas certas linearidades que já são notadas em alguns grupos, tendo como determinantes sua cultura, classe econômica, formação escolar, naturalidade, entre outros.

Foi, portanto, William Labov quem, mais veemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). (TARALLO, 2001, p. 7)

Ainda se verifica a preocupação dentro das escolas de se ensinar as variações linguísticas do nosso país, devido ao tamanho do Brasil e os povos que vivem em cada região, com históricos e raízes muitas vezes diferentes, ainda que sejam todos usuários da língua portuguesa. Mas nem sempre foi assim, pois havia uma atenção dedicada à escrita, sem levar em conta a fala. Com o tempo, viu-se nos alunos que muitos escrevem como falam, pois a prática da oralidade ocorre muito antes da produção de palavras, frases e textos redigidos. Ainda há muito a se fazer, no entanto já existe uma evolução na compreensão dos educandos em re-

lação ao uso da comunicação cotidiana, distinguindo o momento certo para a apresentação de cada uma das modalidades dependendo do contexto do momento.

A disciplina de língua portuguesa passou a denominar-se, a partir da Lei 5692/71, no primeiro grau, comunicação e expressão (nas quatro primeiras séries) e comunicação em língua portuguesa (nas quatro últimas séries), com base em estudos posteriores a Saussure, em especial nos estudos de Jakobson, referentes à teoria da comunicação. Na década de 70, além disso, outras teorias a respeito da linguagem passaram a ser debatidas, entre elas: a Sociolinguística, que volta-se para as questões de variação linguística; a análise do discurso, que reflete sobre a relação sujeito-linguagem-história, relaciona-se à ideologia; a semântica, que preocupa-se com a natureza, função e uso dos significados; a linguística textual, que apresenta como objeto o texto, considerando o sujeito e a situação de interação, estuda os mecanismos de textualização. (PARANÁ, 2008, p. 44)

Na prática da oralidade, a escola ensina aos alunos a prática da fala no intuito de aprenderem a se comunicar devidamente em quaisquer circunstâncias, verificando que dentro do próprio círculo social em que cada indivíduo está inserido, há momentos em que mudamos o discurso, apresentando variações usadas por todos respeitando o contexto do momento. Quando compreendem que até mesmo ali dentro do seu bairro ou cidade ocorrem alternâncias linguísticas, o discente consegue assimilar o que ocorre por todo o território brasileiro e pelo mundo. É importante que desde cedo o educando saiba se posicionar linguisticamente, adaptando-se aos ouvintes e à situação que exigirá do falante uma variação devida.

A acolhida democrática da escola às variações linguísticas toma como ponto de partida os conhecimentos linguísticos dos alunos, para promover situações que os incentivem a falar, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais, mostrando que as diferenças de registro não constituem, científica e legalmente, objeto de classificação e que é importante a adequação do registro nas diferentes instâncias discursivas. (PARANÁ, 2008, p. 55)

Ainda de acordo com a Sociolinguística, a escola consegue suprir essa demanda e explicar devidamente a prática do discurso que cada falante faz uso todo tempo, mas que na maioria das vezes não sabe da presença desse hábito no cotidiano. Uma das funções da Sociolinguística não é verificar “erros” em variações linguísticas, mas estudá-las e analisá-las sistematicamente em busca de compreender a estrutura presente no uso dessa linguagem oral representada por determinada comunidade de fala. Ainda que a sociedade busque erros e acertos, ou maior ou menor prestígio em certos discursos de fala, na Sociolinguística não há essa

preocupação, pois por mais que se notabilize o contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, o que importa é o estudo da variação presente naquele meio.

A Sociolinguística não classifica as diferentes variações linguísticas como boas ou ruins, melhores ou piores, primitivas ou elaboradas, pois constituem sistemas linguísticos eficazes, falares que atendem a diferentes propósitos comunicativos, dadas as práticas sociais e os hábitos culturais das comunidades. (PARANÁ, 2008, p. 56)

O contexto social é imprescindível na hora de estudar a variação linguística escolhida para análise. O meio em que o indivíduo está inserido evidencia muito sobre o porquê do uso de um determinado uso linguístico. É sempre preciso se ter em mente que a língua atende uma necessidade social e comunicativa, por isso algumas adaptações são feitas pelo falante. Muito já se falou que a língua traz consigo resquícios da história e da cultura de um povo, e isso realmente é verdade. O ser humano em todo o tempo se expressou e sempre fará uso da comunicação para atingir objetivos. Pelas diferenças presentes em cada um, não havendo uma homogeneidade, as variações linguísticas surgem como a expressão da precisão de interagir entre os membros dos atuantes. Maria Irlandé Costa Morais Antunes afirma que:

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferente. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores. (PARANÁ, 2008, p. 65)

A influência de cada fator, seja interno ou externo, representa a formação linguística que o falante possui e a variação pela qual optou. Intrinsecamente, o todo que o compõe é demonstrado através da oralidade. Valores, princípios, influências, formação, cultura ou condição econômica estão presentes na prática da fala do indivíduo. Ele deve ser sempre respeitado, indiferentemente de quem seja. A variação linguística nunca deve ser a razão por discriminação ou preconceito em relação a qualquer um, mas sim uma possibilidade única para se estudar a história de uma comunidade de falantes em comum. Maria Cecília de Magalhães Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Enquanto uma língua é utilizada, variações sempre ocorrerão. Essa mutação está presente devido à evolução do ser humano em todos os

aspectos, e na oralidade não seria diferente. A elaboração da linguagem se transforma a cada instante, sempre que a visão de mundo se amplia e o conhecimento prévio dos falantes avança. Com isso, se faz necessária a busca por outras formas de se dizer a mesma coisa. O dinamismo da língua permite que uma mesma situação possa ser dita de formas diversas, o que demonstra a complexidade da linguagem. De tempos em tempos o ser humano se vê em meio à necessidade de buscar novas maneiras de se expressar, deixando para gerações anteriores um processo léxico que será utilizado totalmente ou parcialmente. Estudiosos do assunto verificam que há um período de tempo em que se percebe um progresso na atuação linguística.

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 165 – Tradução nossa)

Quando se fala em tempo e variação linguística, observamos que em muitas comunidades de fala esses aspectos não ocorrem de forma estática, mas de forma dinâmica. O ser humano, talvez pela sua insatisfação diante de tantas coisas, busca novas formas de se expressar quando se vê em meio a situações comunicacionais em que ele acredita que necessita ser alteradas. De modo que se estudarmos uma comunidade de fala hoje e depois de um período de anos irá se verificar que outras alterações ocorreram. Possivelmente o tempo não seja tão imprescindível na alteração de uma variação linguística do que a circunstância. Conforme já foi dito, a necessidade do falante movimentada as variantes, pois algumas podem cair em desuso enquanto outras são assimiladas. Empréstimos e influências linguísticas também são componentes que atuam dentro das circunstâncias para atender ao indivíduo e sua expressividade comunicacional. Termos são apreendidos para que se chegue a um resultado satisfatório para o falante. Desse modo, o tempo influi totalmente na variação linguística, mas não da mesma forma que a circunstância. Jack K. Chambers e Peter Trudgill (1980, p. 165), "a relação entre tempo aparente e tempo real pode ser de fato mais complexa do que a simples equiparação dos dois sugere" (Tradução nossa).

Outro fator que pode influenciar na variação linguística é o sexo do falante. Alguns teóricos acreditam que as mulheres são mais propícias e se apresentam de modo mais versátil para que a língua sofra alterações.

Os homens fazem uso da linguagem, mas verifica-se que o sexo feminino atua mais intensamente, pois se comunica mais e de modo mais abrangente. William Labov (1982, p. 78) chega a afirmar genericamente que "na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração". (Tradução nossa)

A clareza dessa influência do gênero na variação linguística às vezes não é tão clara, pois cada fator pode contribuir igualmente nesse sentido. Essa discussão ocorre levando em conta apenas o sexo do falante, deixando de lado aspectos como tempo, espaço e circunstância. É um estudo que necessita de maiores avanços, pois ainda não há um consenso nem resultados definitivos em relação a isso. Maria Marta Pereira Scherre (1988, p. 429) diz, "a respeito da variável sexo, pode-se ver na literatura linguística que o seu papel, especialmente do sexo feminino, na questão da mudança não é muito claro". E, como reconhece o próprio William Labov (1981, p. 184):

Mas é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública. Um tendência contrária foi encontrada em Teerã por Modaresi (1977) e Jain, na Índia (1975). (Tradução nossa)

Além da interação social, a variação linguística serve para identificar um grupo de forma heterogênea e também para expressar a imaginação daquilo que não é físico. A comunidade de fala adapta a linguagem para a sua realidade no intuito de manifestar suas ideias acerca de certas situações. A variação linguística se faz necessária para que o objetivo comunicacional seja atingido e haja compreensão entre os interlocutores. Tânia Maria Alkmin (2005, p. 41) irá afirmar que "toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive".

Muitos pensam que a adaptação de uma variação se dá de forma escolhida e por opção, mas tudo se dá naturalmente, trazendo para dentro da sua linguagem determinadas expressões que se fizeram necessárias para o indivíduo diante da situação comunicacional em que estava inserido. Na busca por uma interação efetiva, busca-se escolhas devidas, e todo esse processo acontece normalmente.

A linguagem, portanto, é mais uma maneira de integração e de aceitação dos membros que são incluídos de preencheram os requisitos ali apregoados. É um fato que se dá naturalmente e não uma escolha, o indivíduo incorpora sua marca linguística, sobretudo do meio em que vive. (SORDI-ICHIKAWA, 2003, p. 44)

A fala é aberta a transformações e derivações diversas, pois, como já foi dito, atende às necessidades sociais presentes. E essa distinção entre oralidade e escrita se faz necessária, tanto para alunos quanto para outros fora da escola, pois deve-se perceber que a gramática normativa é aplicada no momento de escrever de maneira única, sem opções de abrangência, já que busca um padrão de edição de textos com regras pouco flexíveis. Ao se compreender que a oralidade recebe variações naturalmente, mas a escrita é normatizada por padrões linguísticos regrados, há de se ter mais cuidados ao aplicar cada modalidade. Marcos Bagno (2008) diz que: “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua”. (BAGNO, 2008, p. 20)

Ainda é preciso que muitos professores compreendam que a escrita e a fala precisam se complementar, deixando que o aluno perceba que as duas não são oponentes, mas que contribuem uma com a outra. O ensino-aprendizagem deve sempre buscar atender às demandas sociais que o educando possui, deixando que verifique o mundo ao redor de forma devida, já que a oralidade é a primeira expressão que ele faz uso, para somente depois de alguns anos começar a utilizar a escrita. A preparação desse cidadão para o contexto em que está inserido é o objetivo da escola, possibilitando verificar as marcas linguísticas presentes na fala e na escrita.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) afirmam que:

a gramática de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. (BRASIL, 1997, p. 39)

Quando se fala em gramática normativa, muito se estuda sobre morfologia, sintaxe e semântica, mas deixando um pouco de lado a fonética. No entanto, todos os domínios da gramática devem ser complementares, trazendo ao aluno a possibilidade de compreender a ligação entre eles. O que se deve ter em mente é que a educação vem para atender a uma necessidade social do indivíduo, buscando, dentro do processo de ensino-aprendizagem, se apropriar dos conhecimentos devidos para se situar no mundo. Maria Irlandé Costa Morais Antunes ressalta (2004, p. 89) que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso

da língua”.

O professor deve sempre tomar cuidado para que não esteja repassando erros aprendidos outrora. Muitas vezes são aprendizagens que foram avançando sem nem mesmo se saber o motivo. Por isso, a realidade do aluno deve sempre ser levada em consideração, verificando seu contexto social e não outras coisas que possam ter sido faladas sem constatação de verdade.

Tudo aquilo que é aplicado dentro do ambiente escolar deve ter sua função bem especificada, tendo seus objetivos bem delimitados. Conforme Myrian Barbosa da Silva (2002, p. 262), o que se exige deles é que modifiquem seu sistema de valores, que é o mesmo da sociedade onde vivem e do qual não tem plena consciência. “Ao corrigir o aluno, o professor reage em defesa de um padrão imaginário, ao qual também é submetido”. (SILVA, 2002, p. 262)

Nisso tudo, quando alguém compreende a realidade da variação linguística presente em nossa realidade, sempre estará pronto para se manifestar, sem medo de ser constrangido, e sempre preparado para o contexto em que estiver inserido para falar. Verificando o público para quem se apresenta e a variação linguística que se deve utilizar naquele meio, todo falante deve se comunicar mesmo, interagindo e formulando suas ideias diante de qualquer um, sempre se preparando para as ocasiões e circunstâncias que surgirem. “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é”. (BRASIL, 1997, p. 49)

3. Considerações finais

A linguagem alterna na medida em que o homem se alterna também. Muitos falantes, através dos tempos, mostram variações em suas falas, pois também sofreram mudanças em sua realidade. Ao mostrar a diferença no discurso de alguém, quando criança e depois já na fase adulta, verifica-se a influência que o tempo tem para a ocorrência de uma variação linguística. Ele penetra na vida do ser humano trazendo até ele uma transformação biológica, cognitiva e física, que serão notadas em sua fala, que denuncia uma nova realidade a cada momento.

Hoje, confundem-se os conceitos de variações linguísticas com mudança linguística, sendo esta última relacionada às evoluções de de-

terminada língua através dos tempos, enquanto a primeira pode ocorrer simultaneamente em comunidades que utilizam a mesma língua. A mudança linguística não pode ser considerada um aperfeiçoamento da língua, mas tanto ela quanto a variações linguísticas pode acontecer em planos diferentes, como semânticos, sintéticos, fonéticos ou fonológicos. Como exemplo, os contatos entre línguas, nos quais ocorrem os empréstimos, por exemplo, influem na mudança linguística, assim encontrar palavras para suprirem certas necessidades linguísticas, ocasionando o neologismo.

Essas alterações na língua ocorrem devido não somente ao fator tempo, mas também de acordo com o lugar. Muitos falantes, ao entrar em contato com outras variações linguísticas presentes em todo o nosso país e no mundo, são influenciados em sua oralidade, assimilando as formas e traços ocorrentes naquela comunidade de fala. Vemos muitos turistas quando visitam, por exemplo, a Bahia volta de lá falando do mesmo modo que os moradores daquela localidade, demonstrando a força que o lugar tem sobre o ser humano.

A circunstância também influi na variação linguística, pois, ao se ver em determinada situação, o falante adequa seu discurso diante das formalidades ou informalidades presentes na ocasião. Por exemplo, há uma diferença na forma como alguém fala com amigos e no modo como se dirige a uma autoridade. Existe uma alternância na oralidade junto à família e em uma conversa com o chefe ou patrão. Essa variação demonstra a “elasticidade” que a língua permite, respeitando as relações humanas, já que aquele momento assim exige. O discurso de um palestrante se alterna quando se apresenta diante de uma plateia rural e ao falar com acadêmicos, demonstrando a adequação diante dos grupos sociais.

Como se pode ver, as variações ocorrem diante de fatores que determinarão a realidade da oralidade dos falantes. É bem verdade que as repetições contribuem para a permanência de certos termos dentro do discurso de uma certa comunidade de fala, mas é bem possível que uma mesma pessoa sofra interferências internas e externas em sua realidade comunicacional. Muitas variações linguísticas surgem como um modo de permanecer com a tradição e a história deixada pelos seus antepassados, o que torna uma questão de honra dar prosseguimento naquela forma de falar. Isso torna enriquecedora a sociolinguística, pois permite estudar a cultura de pessoas através da linguagem que elas utilizam.

A língua como objeto de estudo torna possível a análise de um grupo falante de uma mesma língua, verificando o que torna aquela comunidade heterogênea em relação à oralidade. Sendo muitos ou poucos usuários de determinado código linguístico, a realidade estudada sempre nos traz informações que possibilitarão compreender o ser humano em sua necessidade de se comunicar. Essa complexidade da linguagem torna a Sociolinguística um instrumento diferencial para alcançarmos avanços nos estudos sociais em geral, colaborando para disciplinas diversas.

Ainda há muito para se estudar, pois a língua não é imutável, pelo contrário, está em constante transformação, e de tempos em tempos surgem novas comunidades de fala para se estudar, além das que já foram analisadas, pois apresentam novas realidades em sua oralidade. A força da linguagem permitirá a construção de um novo cenário, na medida em que os falantes em comum assimilam novos termos e excluem outros. A comunicação sempre possibilitará que o ser humano faça as adaptações necessárias para expressar suas ideias e para interagir com o meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-47.
- ANTUNES, Maria Irandé Costa Morais. *Aula de português: encontro e interação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008, p. 207.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada e o ensino de língua*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

portuguesa. São Paulo: Contexto, 2000.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

FREGONEZI, Durvali Emilio. *A variação linguística e o ensino de português*. Cornélio Procópio: FAFICL, 1975.

HALLIDAY, Michael Alexander K.; McINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981, p. 177-199.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, Winfred Philipp; Malkiel, Yakov. (Eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães (2003). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 9-14.

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do. Departamento de Educação Básica. *Diretrizes curriculares da educação básica: língua portuguesa*. Curitiba, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Myrian Barbosa da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 253-265.

SORDI-ICHIKAWA, Cláudia. Variação linguística e o ensino de ortografia: uma variação teórica. *Unopar Científica: Ciências Humanas e*

Educação, Londrina, vol. 4, n. 1, p. 43-46, jun. 2003. Disponível em:
<<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/download/1138/1092>>.

TARALLO, Fernando. A relação entre língua e sociedade. In: *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A variação linguística e o ensino de língua materna. In: _____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.